



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**MATUSALEM RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**EMPRESAS DE SEGUROS – ESTUDO DE CASO SOBRE A PORTO SEGURO  
SEGUROS S/A NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

**CHAPECÓ  
2019**

**MATUSALEM RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**EMPRESAS DE SEGUROS – ESTUDO DE CASO SOBRE A PORTO SEGURO  
SEGUROS S/A NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Ricardo Alberto Scherma

**CHAPECÓ**

**2019**

**MATUSALEM RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**EMPRESAS DE SEGUROS – ESTUDO DE CASO SOBRE A PORTO SEGURO  
SEGUROS S/A NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira sul.

Orientador: Professor Ricardo Alberto Scherma

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>.**

---

**Prof.**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo em todos os momentos, à minha família, em especial à minha esposa Daiana e à minha filha Sophia, que sempre estiveram ao meu lado e me motivaram em toda minha caminhada acadêmica.

Aos meus colegas que dividiram comigo esta caminhada, mesmo aqueles que por motivos diversos não puderam continuar esta graduação, mas que foram importantes da mesma forma, pois ao longo dos anos compartilhamos experiências, aprendizados e dificuldades.

Ao corpo docente, que ao longo de minha graduação, ajudaram cada um à sua maneira, a ampliar meus horizontes de conhecimento, compartilhando o saber e suas experiências conosco, e contribuindo para que eu pudesse evoluir acadêmica, intelectual e pessoalmente.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeira e especialmente ao meu orientador, Professor Ricardo Scherma, que me acompanhou em todo este trabalho; por ser, desde o início, atencioso, prestativo e disposto a encerrar este desafio comigo, incentivando-me e auxiliando em todas as etapas do processo.

Agradeço também à minha família por sempre incentivar e compreender a importância da formação acadêmica, e me propiciar, na medida do possível, as condições necessárias para que eu pudesse concluir esta graduação.

Agradeço, em especial, ao meu colega Jean Flores, por sempre estarmos juntos nessa caminhada acadêmica. Sofremos, mas vencemos juntos. Um abraço ao amigo.

## RESUMO

Com o processo da globalização, acelerou-se a atividade das empresas de seguros no Brasil e impulsionou assim seus fluxos financeiros. Este trabalho propõe o tema e a realidade no mercado de seguros, com a ênfase nas atividades desenvolvidas pela seguradora Porto Seguro Seguros S/A. Juntamente com afirmação de que a globalização e as evoluções de mercado só se concretizam graças aos avanços propiciados pelo meio técnico-científico-informacional. A unicidade da técnica e do tempo convergem para a propulsão do motor único, juntamente com a ideia de risco, vão contribuir para a geração do capital das empresas de seguros.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 GLOBALIZAÇÃO, RISCO E AS EMPRESAS DE SEGURO</b> .....	9
2.1 MUNDO GLOBALIZADO.....	9
2.1.1 <b>Globalização, normas e o território: o setor de seguros</b> .....	11
2.2 A SOCIEDADE DE RISCO, NOTAS A PARTIR DO AUTOR ULRICH BECK.....	12
2.3 GLOBALIZAÇÃO E SOCIEDADE DO RISCO.....	15
2.4 GLOBALIZAÇÃO, SOCIEDADE DE RISCO E AS EMPRESAS DE SEGURO ...	16
2.4.1 <b>A realidade brasileira das empresas de seguros</b> .....	18
<b>3 REDES GEOGRÁFICAS E AS EMPRESAS DE SEGURO</b> .....	21
3.1 CONCEITO DE REDES .....	21
3.2 UTILIZAÇÃO DAS REDES PELAS EMPRESAS DE SEGURO.....	23
<b>4 A EMPRESA PORTO SEGURO SEGUROS SA – CRIAÇÃO, ATUAÇÃO E EXPANSÃO</b> .....	25
4.1 A GENESE DA EMPRESA PORTO SEGURO SEGUROS SA.....	25
4.2 COMO A PORTO SEGURO SEGUROS ATUA .....	27
4.3 A EXPANSÃO DA EMPRESA PORTO SEGURO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.....	30
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35

## 1 INTRODUÇÃO

O advento da globalização acelerou a atividade seguradora no Brasil, impulsionando seus fluxos financeiros. Releva destacar que o mercado de seguros, já operava internacionalmente, e em um nível de desenvolvimento considerável, antes mesmo da globalização. A abrangência de tal mercado se deve, principalmente, ao Código Comercial, que alavancou a atividade ao estabelecer regras sobre seguros marítimos, também aplicadas aos seguros terrestres. Outro fator contribuinte foi a instalação de seguradoras estrangeiras experientes no país, o que fortaleceu o ramo. Não menos importante e paralelo a esses fatores, pode-se inferir o crescimento da população e a ampliação comercial.

Entretanto, embora o Brasil já compartilhasse suas operações de seguros, com diversas companhias internacionais, as quais sustentavam determinada participação dos riscos, havia uma estagnação, especialmente nas duas últimas décadas, que antecederam os anos 90.

A década de 90 se mostrou muito promissora para a atividade de seguros. Algumas inovações no setor foram decisivas para que houvesse um avanço considerável, dentre elas pode-se citar, a maior concorrência, aumento na oferta de produtos, mais liberdade para fixação de preços e demais condições das apólices, aumento do número de companhias internacionais que passaram a operar no Brasil e estabilização da moeda nacional.

Para entender a dinâmica do mercado de seguros, o estudo faz um breve resgate histórico do sistema financeiro nacional, considerando sua instalação e respectivas atividades, bem como as mudanças ocorridas no setor, nas últimas décadas. Para tanto, o estudo utiliza-se de vários autores que tratam do assunto, incluindo trabalhos já divulgados e disponíveis para consulta, caracterizando-se, dessa forma, como pesquisa bibliográfica.

Frente ao exposto, e visando concretizar os objetivos lançados nesse estudo, que se trata de uma análise da formação e atuação territorial do conglomerado financeiro Porto Seguro Seguros S.A., o estudo apresenta no primeiro capítulo, uma breve trajetória acerca da constituição do sistema bancário nacional, e, ao mesmo tempo busca compreender como o referido conglomerado, desenvolve suas atividades e como sua atuação influencia no espaço geográfico nacional.

Esse estudo apresenta uma contextualização do mercado de seguros em

âmbito nacional à formação do conglomerado financeiro, analisando os processos de divisão territorial do trabalho, retomando os conceitos de redes e círculos de cooperação no espaço, fundamentos importantes para entender o sistema territorial da empresa Porto Seguro.

Visando atender tal objetivo, o trabalho se desenvolve a partir de uma abordagem exploratória, com análise de materiais já divulgados, tais como artigos científicos, por meio de uma investigação seletiva da literatura, com a finalidade de identificar e interpretar o conteúdo disponível sobre o tema pesquisado. Quanto aos procedimentos adotados, foram selecionados dados disponíveis no site da seguradora, os quais serão utilizados para a fundamentação do estudo.

Como primeira etapa, foi realizado o levantamento das bibliografias a serem utilizadas, deu-se prioridade ao mapeamento do mercado de seguros nacional. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2008), tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Ainda para o autor, essa pesquisa pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado também. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica, que foi o ocorrido nesse estudo.

Utilizou-se como procedimentos metodológicos na realização desse trabalho, a pesquisa descritiva. No contexto dos objetivos de estudo, essa pesquisa servirá de base para o seu desenvolvimento. Tal escolha se justifica pela complexidade e grandeza do tema, razão pela qual fortalece a necessidade de um embasamento teórico respaldado em autores de notabilidade no campo empresarial voltado ao mercado de seguros. Para tanto, elegeu-se o levantamento bibliográfico em artigos científicos e livros.

A pesquisa de fontes secundárias abrange toda a bibliografia já publicada em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, materiais cartográficos, entre outros, “[...] com a finalidade de colocar o observador em contato com tudo o que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 166).

Dessa forma, esse trabalho propõe uma conversação, entre as publicações já consolidadas sobre o tema e a realidade vivenciada no mercado de seguros, com ênfase nos trabalhos desenvolvidos pela Porto Seguro Seguros S.A., considerando as possibilidades de materiais disponíveis e a intenção contida nesse estudo, que visa mapear o mercado de seguros e suas respectivas ações, o estudo se esforça

para responder algumas questões, tais como: Quantas empresas formam o conglomerado? Qual sua região de abrangência? E quantas filiais o conglomerado possui em Santa Catarina?

Com o auxílio de livros e artigos de alguns autores como: Santos (1996) e Santos e Silveira (2001), identifica-se a influência do meio-técnico-científico-informacional para melhor compreender a formação do conglomerado financeiro e também analisar os processos de divisão territorial do trabalho. Chesnais (1996) contribui para entender a centralização do capital e a descentralização das operações comerciais da corporação Porto Seguro. O site “[www.portoseguro.com.br](http://www.portoseguro.com.br)” que oferece o acervo histórico da empresa Porto Seguro e demais materiais de apoio para obtenção de informações pertinentes à elaboração dessa pesquisa também será consultado. Assim, a partir das informações coletadas junto aos materiais publicados, fundamentar-se-á esse estudo teoricamente.

## 2 GLOBALIZAÇÃO, RISCO E AS EMPRESAS DE SEGURO

### 2.1 MUNDO GLOBALIZADO

Foi na década de 80 que surgiu o conceito de globalização, para caracterizar a abertura das fronteiras, assim citado por Ribeiro, (1999):

[...] impulsionando as atividades econômicas capitalistas por todo o globo, tendo sua origem nas empresas multinacionais, indicando hoje uma nova etapa na economia mundial, sendo uma forma de gestão conectada e em escala internacional de grandes empresas transnacionais. Provocando uma expectativa no desenvolvimento da produção. [...] (RIBEIRO, 1999, p. 115).

Por não haver um consenso quanto ao seu significado e impactos, a globalização é um tema que gera intenso debate. Como afirma Held e McGrew (2001):

[...] Há uma análise desse fenômeno a partir dos chamados aspectos materiais: fluxos de comércio, de capital e de pessoas facilitados por um contexto de avanço na comunicação eletrônica que parece suprimir as limitações da distância e do tempo na organização e na interação social. [...] (HELD; MCGREW, 2001, p.157).

Já para Held e McGrew, (2001, p.124):

[...] A globalização propiciou uma mudança cognitiva, na qual a população cada vez mais compreende que os acontecimentos distantes podem também influenciar os destinos locais, e que o inverso também é verdadeiro. [...] (HELD; MCGREW, 2001, p.124).

De acordo com Santos e Silveira (2001):

[...] Anteriormente, era o Estado que definia os espaços. O Território era o fundamento, o alicerce do Estado-Nação que, ao mesmo tempo, o moldava. Com a globalização, a percepção de território estatizado, nacional, mudou para a percepção de território transnacional, mundial, global. O conceito de território nacional é, o espaço de todos, abrigo de todos. Já a definição de território transnacional é, o de interesse das empresas, norteado por um processo racionalizador de conteúdo ideológico de origem distante, que chegam a cada lugar com os objetos e as normas definidas para servi-los. [...] (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 85).

Conforme Santos e Silveira (2001):

[...] A globalização e os processos que operam no mundo evidenciando e explanando desigualdades socioespaciais, retoma dois conceitos da Geografia: o conceito de território e o conceito de lugar. O espaço geográfico deve ser compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade local, e assim assumido como um conceito indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo atual. [...] (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p 21).

Assim a globalização utiliza-se de meios para extrair ou explorar o que há de melhor no espaço geográfico.

O Estado não desaparece, mas adquire uma nova lógica de operação, como cita Keohane e Nye (1989):

[...] onde há um limite do seu poder frente à expansão das forças transfronteiriças que diminuem a capacidade dos governos de controlarem as relações entre as sociedades, e que estimulam esses vínculos transnacionais. [...] nessa concepção, os problemas políticos nem sempre podem ser resolvidos adequada e nem satisfatoriamente, sem a cooperação com outras nações e agentes não-estatais. [...] (KEOHANE; NYE, 1989, p 45).

O processo de globalização é um fator que favoreceu grandes multinacionais e corporações que detêm sua sede em países desenvolvidos, possuindo diversas filiais espalhadas pelo mundo, que contam também com uma rede de pequenas e médias empresas, normalmente contratadas, para a prestação de serviços (SANTOS, 2000).

De acordo com Netto (1999, p. 123):

[...] A globalização representa a interdependência crescente entre países e mercados, afetando tanto aqueles que se propõem a conhecê-la e estudá-la, quanto aqueles que jamais ouviram falar dela. Não é um fenômeno apenas, talvez nem principalmente, econômico. É também cultural, destacando-se o papel da informação globalizada, o que se percebe pelo uso indiscriminado do inglês – idioma da globalização, pelas TVs a cabo, videoconferência, pela internet, enfim, pela temática. Envolve também outros conceitos, que passam a fazer parte do nosso cotidiano, tais como cibernética, biotecnologia, robótica, clonagem, e assim por diante, numa verdadeira avalanche de mudanças que temos dificuldade de assimilar. [...] (NETTO, 1999, p. 123).

Segundo Santos (2000, p. 14):

A unicidade do tempo não é apenas o resultado de que, nos mais diversos lugares, a hora do relógio é a mesma. Tomada como fenômeno físico, a percepção do tempo real quer dizer que podemos usar esses relógios múltiplos de maneira uniforme. A operação planetária das grandes empresas globais revolucionou o mundo das finanças, permitindo ao

respectivo mercado que funcione em diversos lugares durante o dia inteiro (SANTOS, 2000, p.14).

Para Santos (2000, p. 15-29), há uma paridade no desenvolvimento da história e das técnicas, na qual há conjuntos de técnicas e nunca o seu aparecimento de forma isolada, garantindo que se concretizem feitos de mais-valia como a informática e a eletrônica. Posto isso, pode-se afirmar que a globalização se dá na escala de produção mundial, impulsionadora pela competitividade que faz aumentar a produtividade e automaticamente o lucro da soma entre técnica e ciência.

Assim, a globalização pode trazer a sensação de que se vive em um mundo sem fronteiras, com pouca ou quase nenhuma intervenção estatal, recheado de inovações tecnológicas, de reestruturação dos processos de produção, de fusões e aquisições de empresas e desregulamentação da economia.

### 2.1.1 Globalização, normas e o território: o setor de seguros

Segundo Ferraz e Contador (2000), em meados de 1966

[...] foi instituído o Sistema Nacional de Seguros Privados, tendo como seu braço controlador e fiscalizador a Superintendência de Seguros Privados – SUSEP – configurada na forma de autarquia, vinculado ao Ministério da Fazenda sendo administrada por um conselho diretor composto por um superintendente e quatro diretores, além de participarem das reuniões em caráter consultivo sem direito a voto o procurador chefe, chefe de gabinete e secretário-geral da união [...] (FERRAZ; CONTADOR, 2000, p 18).

De acordo Ferraz e Contador (1998), a referida superintendência tem como função:

[...] regular e fiscalizar os mercados de seguro, previdência complementar aberta, capitalizações, resseguros e os corretores de seguros e resseguros habilitados é ainda dotada de autoridade para averiguar e punir práticas que ferem seguradoras, o mercado em si e, como novidade no setor, os consumidores. [...] (FERRAZ; CONTADOR, 1998, p 23).

Solidificando sua autoridade no setor, a SUSEP (2015) programa uma série de modificações, sendo as mais relevantes:

- Consolidar um sistema de audiência pública e aberta a todos os segmentos, para tomada de decisões.
- Promover a desregulação gradual da atividade seguradora;
- Incentivar a formação de empresas regionais;
- Modificar os critérios e requisitos para a aplicação de reservas técnicas em ativo mobiliários;
- Promover a indexação dos contratos (como forma de enfrentar a forte inflação do período) (SUSEP, 2015).

Como é possível verificar no site da SUSEP, as medidas permitiam uma maior realidade contratual, estimulando o crescimento do mercado em um ambiente concorrencial mais justo. Com a Constituição Federal de 1988, o seguro, a capitalização e a previdência privada adquirem novo status, passando a integrar o Sistema Financeiro Nacional (SUSEP, 2015).

Em uma ação conjunta do Instituto de Resseguro do Brasil (IRB), SUSEP e Secretaria de Política Econômica, no ano de 1992 é lançado um Plano Diretor do Sistema de Seguros, Capitalização e Previdência Complementar. Esse documento tinha como pontos principais (SUSEP, 2015).

- Desregulamentação do setor.
- Política de liberação de tarifas, controle de solvência das empresas.
- Abertura do setor ao capital estrangeiro.
- Redefinição do papel do corretor.
- Redução do monopólio do resseguro.
- Retorno do seguro de acidente de trabalho ao setor privado.
- Regulamentação de novas modalidades de seguros (ex: crédito agrícola).

Dessa forma, o ano de 1996 marca a história do seguro no território nacional por medidas de natureza legal e administrativa: tem-se a quebra do monopólio que havia sido instaurado pela IRB e abrem-se as portas do mercado nacional para as empresas estrangeiras. A abertura do mercado segue a tendência global de alinhamento econômico entre países, ocasionando, em 1997, a fusão de empresas nacionais e internacionais, o que potencializa as relações econômicas. (CNSEG, 2018).

## 2.2 A SOCIEDADE DE RISCO, NOTAS A PARTIR DO AUTOR ULRICH BECK

Ameaças e incertezas pertencem às condições gerais de existência humana, segundo Beck, (2010):

[...] a semântica do risco está relacionada especificamente com o processo de modernização, no qual adquirem maior significado as decisões, as incertezas e a probabilidade. Está relacionada à tematização no presente de perigos futuros, percebidos como resultado da civilização. O risco tem dupla face: oportunidade e perigo. [...] (BECK, 2010, p. 20).

A ambiguidade do risco reside na necessidade de decisão que ele implica: pesar oportunidades e perdas. Toda uma ciência do risco se desenvolveu e nasceu o cálculo probabilístico, a primeira tentativa de controlar o incontrolável.

Essa categorização de risco extrapola as informações básicas de conhecimento ou desconhecimento sobre determinado assunto. Para Beck, (2010):

[...] Não quer dizer que saia do horizonte do conhecimento, mas se trata de um conhecimento probabilístico, que envolve o trato com incertezas, que atualmente não pode ser resolvido com mais saber, pelo contrário, é resultado do maior conhecimento. “Risco é um tema mediador que demanda uma nova divisão de trabalho entre a ciência, a política e a economia” [...] (BECK, 2010, p.23).

Nas sociedades de risco, os valores culturais desempenham papel central para determinar as condições do cálculo de riscos, relacionado às processas de segurança frente a um futuro desconhecido.

Beck (2010) discorre que:

A categoria da sociedade de risco tematiza o processo de questionamento das ideias centrais para o contrato de risco, a possibilidade de controle e a possibilidade de compensação de incertezas e perigos fabricados industrialmente. Sua dinâmica está no sucesso da modernidade, cujos efeitos não mais são passíveis de controle, daí a incerteza autofabricada. (BECK, 2010, p.26).

A teoria da sociedade do risco de Ulrich Beck é uma das teorias impactantes que abrangem os campos das ciências sociais, das ciências jurídicas e das ciências da engenharia. A publicação do livro de Ulrich Beck, em 1986, traçaria uma das teorias sociológicas mais debatidas, e que norteou uma linha teórica baseada na modernização reflexiva.

[...] O quase efeito premonitório do livro, que se confirmou pela realidade da explosão nuclear, dava força a uma visão eminentemente sociológica, baseada em fatores de mudança estrutural, assente no próprio conceito de sociedade e na força e na imanência dos fenômenos sociais. Isto porque a radicalidade da modernidade assenta na irrupção da imanência do social nos discursos, nas práticas e nas políticas, configurando a novidade do próprio conceito de sociedade [...] (BECK, 2010, p 21).

O ponto de partida na teoria de Ulrich Beck (2010) é o da modernização reflexiva,

[...] as sociedades só evoluem tornando-se reflexivas. recusa a separação entre peritos e cientistas e as visões comuns, afirmando que a consciência dos riscos tem de ser analisada como uma luta entre afirmações concorrentes ou sobrepostas de racionalidade (o que chamou de ecologia política). As percepções dos cidadãos comuns quanto aos riscos não são irracionais ou puros problemas de informação, mas sim produtos de processos complexos que definem o que é aceitável, o que é digno, o que está de acordo com as suas maneiras de ser, pensar e agir, ou seja, com as suas identidades (BECK, 2010, p. 57-58).

A *posteriori*, Ulrich Beck posiciona-se a favor do aparecimento de uma segunda modernidade.

Os padrões coletivos de vida, a ideia de progresso e de controle, o pleno emprego e a relação com a natureza foram radicalmente afetados por cinco processos que caracterizam esta segunda modernidade: a globalização; a individualização; a revolução assente na diferença sexual; o desemprego; e os riscos globais. Esta globalização dos riscos levará o autor a propor um cosmopolitismo metodológico, que vá para além dos limites dos dados, das análises e das conceptualizações de âmbito estritamente nacional (BECK, 2010, p.02).

Em dois textos recentes, as teses de Ulrich Beck ficam mais claras, assim como os seus pressupostos (BECK; GIDDENS; LASH, 1997; BECK; LEVY, 2013).

Uma sociologia cosmopolita resulta de uma reimaginação do conceito de nação, em confronto com fenómenos como as normas globais, como, por exemplo, os direitos humanos, os mercados globalizados, as migrações transnacionais e o peso crescente das organizações internacionais (BECK; LEVY, 2013, p. 06).

Dada a preocupação das sociedades de risco, estimula-se o debate, a prevenção e a gestão dos riscos, a que nenhum estado poder alheio (BECK; LEVY, 2013, p.16).

Não podendo os riscos globais ser previstos ou calculados, esse facto reforça, quase paradoxalmente, o peso do conhecimento e da inventariação do futuro nas sociedades contemporâneas. É esta opção temporal pelo futuro que torna a sociologia uma ciência cosmopolita, com capacidade para pensar e discutir as coletividades de risco cosmopolitas (BECK; LEVY, 2013, p.16).

Curran (2003) propôs recentemente uma análise intensa sobre os riscos sociais e uma crítica à democratização dos riscos de Ulrich Beck.

[...] na crescente produção e distribuição de males (*bads*), as desigualdades de recursos econômicos ganharam uma importância acrescida, pois são as diferenças em recursos econômicos que permitem aos que estão em vantagem minimizarem a sua exposição aos riscos. Essas diferenças impõem aos desfavorecidos a necessidade de se confrontarem com os riscos criados pela sociedade do risco (CURRAN, 2003, p. 44).

Analisando-se as palavras de Curran (2003), têm-se uma clara apresentação da sociedade de risco, na qual as pessoas estão condicionadas a seu poder aquisitivo para minimizar os riscos aos quais estão expostos.

### 2.3 GLOBALIZAÇÃO E SOCIEDADE DO RISCO

A forma como a sociedade contemporânea se organiza para reagir em resposta aos riscos concorreu para a denominação “Sociedade de risco”. Tal risco faz referência a uma real existência de risco, construído socialmente, tanto na alçada da ciência, da mídia e da informação, visto que, a oposição entre esses campos produz as definições de risco (BECK, 2010, p. 368).

No mundo globalizante hodierno, os riscos ameaçam de variadas formas. Algumas das preocupações se dão em torno do aquecimento global, visto que a temperatura do planeta tem vindo sofrendo aumento considerável, decorrente do acúmulo de gases nocivos na atmosfera; os icebergs polares continuam a derreter em ritmo acelerado, podendo provocar um aumento no nível médio das águas. Enfim, são inúmeras as ameaças provocadas pela incessante busca de geração de riquezas, fator este, que coloca o planeta em risco.

Assim, estamos avançando para uma “sociedade de risco mundial”, onde o principal aspecto de discussão na sociedade é a consciência do risco e a inevitabilidade deste. Essa consciência e inevitabilidade do risco adquire um contorno global na medida em que é analisada a questão da degradação ambiental. [...] suas consequências podem ser sentidas em locais muito distantes, pois a poluição não respeita as fronteiras, vez que, por mais rico ou desenvolvido que seja o Estado, não está imune à poluição industrial e à degradação ambiental, embora, pelo que se tem visto, as piores consequências ainda são sentidas nos Estados mais pobres [...] (BECK, 2010, p. 25).

Nas palavras de Beck (2010, p. 368):

A própria modernização trouxe consequências que estão hoje arriscando as condições básicas de vida alcançadas por via desse mesmo processo – Trata-se de uma civilização que ameaça a si mesma, na qual a incessante produção de riqueza é acompanhada por uma igualmente incessante produção social de riscos globalizados que atingem da mesma forma todas as nações, sem distinção (BECK, 2010, p. 368).

O ritmo acelerado do desenvolvimento industrial e tecnológico provocou profundas mudanças ambientais, por meio da intervenção humana. Isso provocou um aumento gigante na poluição e na destruição de ambientes ecológicos que concorrem para grandes impactos no meio natural e, por consequência, novas e desconhecidas formas de risco.

Segundo a CNSEG - A Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (2018), a globalização é um fenômeno de largo alcance, é um processo contrastante e funciona de maneira totalmente aberta, talvez por este fato, suas consequências não são menos preocupantes, considerando que podem afetar todos ou quase todos os elementos do mundo social. Pensar a dinâmica da globalização associada ao risco, é navegar na incerteza e, portanto, imprevisível, difícil de ser mensurado seus riscos. Algo que vem de encontro com a ideia de sociedade risco é o ramo de seguros. Segundo dados no CNSEG esse setor teve alto crescimento dos últimos anos.

Atualmente as pessoas se previnem de todos os riscos que julgam ser necessários. Em detrimento a isso o setor de seguros, explora o mercado com inúmeros tipos de proteção como: seguro de vida, seguro de veículo, seguro de celular, seguro de bicicletas, seguro de drones, perda e roubo do cartão de crédito, etc. Portanto com a ideia de risco e o processo de globalização, (onde surgem novas tecnologias, equipamentos e aparelhos), contribuem para o consumo de estar protegido, isto é, fazer um seguro.

#### 2.4 GLOBALIZAÇÃO, SOCIEDADE DE RISCO E AS EMPRESAS DE SEGURO

O seguro é a transferência do risco de uma pessoa para uma empresa, dando continuidade às atividades e protegendo o bem. Visa a garantir o interesse legítimo do segurado. De acordo com Venosa (2013, p. 371) “O seguro na sua essência constitui a transferência do risco de uma pessoa para outra. Tecnicamente, só se

torna possível quando o custeio é dividido entre muitas pessoas, por número amplo dos segurados”.

Conforme Hoppe (2007 *apud* CNSEG, 2018):

Fabricantes, por exemplo, podem ser responsáveis por um produto com defeito que causou danos a uma pessoa. Considerando que os produtos são vendidos habitualmente em grandes quantidades, um fabricante pode, facilmente, receber reclamações de um número significativo de consumidores e, por conseguinte, ser obrigado a pagar grandes somas em indenizações. Se uma entidade comercial não pudesse transferir esse risco para um segurador por intermédio da contratação de seguro, a empresa precisaria reservar capital para fazer face aos sinistros de responsabilidade civil em potencial, resultantes de um produto com defeito. A empresa teria, portanto, menos capital disponível para investir em novas tecnologias e inovação de produto. De certa maneira, o seguro apoia o crescimento econômico, assumindo riscos com os quais, normalmente, a entidade comercial teria que arcar (HOPPE, 2007, *apud* CNSEG, 2018).

Consoante a Liedtke (2007), existe a necessidade de seguro para garantir a comercialização das tecnologias inovadoras. As novas empresas não poderiam correr riscos sem o suporte do autosseguro ou do seguro comercial.

[...] Somente as empresas de grande porte podem praticar o autosseguro e sobreviver a grandes sinistros, como foi o caso da British Petroleum e o sinistro ocorrido com a plataforma DeepwaterHorizon – caso haja um intervalo de tempo entre os sinistros. As empresas de seguros também auxiliam os bancos no gerenciamento de seus riscos. O seguro de crédito ao consumidor, por exemplo, é feito regularmente pelos consumidores ao obterem um crédito ao consumidor. Em caso de morte do consumidor ou quando por outras razões não seja possível pagar o empréstimo (por exemplo, em casos de desemprego ou invalidez), as empresas de seguros continuam a pagar as prestações de acordo com o contrato de crédito ao consumidor. O risco do banco de o mutuário não pagar o empréstimo é, portanto, reduzido significativamente, e permite aos bancos investirem o capital do qual eles precisariam então dispor como uma precaução. Considerando que o seguro de crédito dá aos bancos mais garantia, ele facilita não apenas os créditos ao consumidor, mas também, as exportações de equipamentos e outros bens de investimento (LIEDTKE, 2007, p. 219).

Os prêmios de seguro pagos pelo segurado cobrem os custos operacionais da companhia de seguros e constituem as reservas financeiras para desembolsos futuros. As empresas de seguro funcionam como um escudo na economia moderna. Permite filtrar surtos súbitos de necessidades financeiras associadas a uma catástrofe que atinja muitos segurados que, caso contrário, poderiam ser levados à falência. O seguro permite um planejamento futuro com mais segurança, evitando ou atenuando riscos específicos que são considerados como sendo uma ameaça para o processo comercial como um todo (CNSEG, 2018). Dessa forma, as empresas de

seguros usufruem da ideia de risco presente na sociedade para assim impulsionarem sua atuação.

A aquisição de um seguro proporciona às pessoas ou às entidades comerciais uma tranquilidade que lhes permite assumir riscos calculados para a melhoria de vida (pessoal ou empresarial) aplicando seu capital em novos investimentos, visto que, com o seguro, seus riscos foram transferidos ao segurador. Valendo-se dessa máxima, o seguro tem sido recomendado como solução para as incertezas quanto ao futuro (CNSEG, 2018).

#### 2.4.1 A realidade brasileira das empresas de seguros

No mercado brasileiro há inúmeras companhias de seguros que no ano de 2017 faturam praticamente R\$ 149,9 bilhões em vendas de produtos e serviços de seguros e com aumento de faturamento em relação ao ano anterior.

	<b>Grupos 2017</b>	<b>Valores</b>	<b>Part. (%)</b>	<b>Grupos 2016</b>	<b>Valores</b>	<b>Part. (%)</b>
1	Bradesco	34.996.141	24,31%	Bradesco	32.683.410	24,73%
2	Sulamérica	17.511.585	12,16%	Sulamérica	16.101.208	12,18%
3	BB Mapfre	15.612.228	10,84%	BB Mapfre	15.288.748	11,57%
4	Porto Seguro	13.656.873	9,49%	Porto Seguro	13.068.880	9,89%
5	Zurich	8.136.795	5,65%	Zurich	7.011.311	5,31%
6	Caixa Seguros	6.400.663	4,45%	Caixa Seguros	5.405.098	4,09%
7	Tokio Marine	4.697.712	3,26%	Itaú	4.572.394	3,46%
8	Itaú	4.183.711	2,91%	Tokio Marine	3.981.724	3,01%
9	Allianz	3.571.159	2,48%	HDI	3.328.357	2,52%
10	HDI	3.517.120	2,44%	Allianz	3.164.751	2,39%

Quadro 1: Principais empresas de seguros em 2017.

No quadro é possível verificar a participação de cada grupo segurado e o montante faturado por cada um nos anos de 2016 e 2017. Como já afirmado por Santos (2000), o processo de globalização é o fator que favoreceu as multinacionais e as grandes corporações a espalharem-se pelo mundo e ampliarem seus faturamentos.

E essa relação também é encontrada no setor de seguros no Brasil. Pois as companhias utilizam principalmente os corretores de seguros, os quais são

subcontratados para comercializarem os serviços. Além dos corretores, as companhias de seguros utilizam também da rede bancária, canais alternativos como a internet e a inteligência artificial. Esses múltiplos canais de comercialização de seguros se justificam pela facilidade de contato com o futuro cliente, possibilitando a aquisição de seguros.

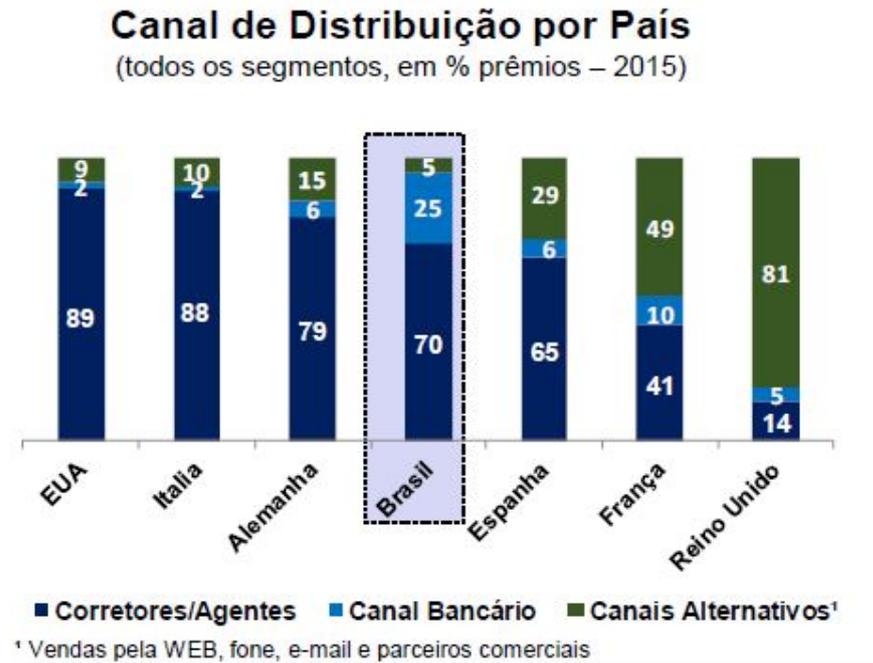


Figura 1: Canal de Vendas - FONTE Porto Seguro 2018

Outro fator importante que destaca Mendonça (2017) é o fato de que nenhuma seguradora tem capacidade para assumir integralmente um grande risco empresarial:

As seguradoras têm limites máximos de aceitação de riscos. A razão é simples: a seguradora não aceita um único risco. Ela trabalha a totalidade de suas carteiras, oferecendo garantia para cada um de seus segurados, nos termos de suas apólices. Assim, uma seguradora não tem um segurado, mas centenas ou milhares deles, cada um com um tamanho, um risco, um tipo de garantia e um prêmio específico (MENDONÇA, 2017, p. 46).

Essa política comercial de venda de uma ampla carteira de seguros e da comercialização dessa carteira para um gama infindável de segurados dá-se pelo fato de que se a seguradora retivesse integralmente todos os riscos aceitos, ela não conseguiria garantir as indenizações, visto que o pagamento, muitas vezes, poderia

atingir valores que ultrapassam o valor da própria seguradora comprometendo a qualidade do serviço prestado ao segurado.

### 3 REDES GEOGRÁFICAS E AS EMPRESAS DE SEGURO

#### 3.1 CONCEITO DE REDES

Na compreensão da relação entre território e redes, Musso (2004) explica que, deve-se entender a lógica de uso do território, a começar pelo conceito de rede, que pode ser inferida como “uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento”:

[...] ou seja, o espaço geográfico, constrói-se e articula-se por meio de redes, que formam a dinâmica do território, visto que se projetam, de acordo com Santos (1997), a partir de pontos fixos interligados e animados por meio dos fluxos. Para o autor, as redes são dinâmicas e ativas, mas não trazem em si o princípio dinâmico, que é o movimento social. Este, por sua vez, é movimentado tanto por dinâmicas locais quanto globais, claramente demandadas pelas grandes organizações. [...] (MUSSO, 2004, p. 34).

Releva destacar que “a organização espacial se revela, de um lado, a partir de elementos fixos, constituídos como resultado do trabalho social. E, de outro lado, através de fluxos que garantem as interações entre os fixos. Fixos e fluxos originam as redes” (SANTOS, 1997, p. 35).

A leitura do espaço geográfico e das redes nele distribuídas:

[...] reforça a ideia de articulação, entre sociedade e paisagem em evolução permanente, ou seja, espaço e tempo em constante movimento. [...] Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial [...] (SANTOS, 1997, p. 42-43).

É importante compreender o território como um espaço com limites estabelecidos por fronteiras, as quais preservam a exclusividade de uso e apropriação, sendo, portanto, delimitado na natureza por um grupo social, que identificam e são identificados, configura, ainda o local de provimento da existência. Já o espaço geográfico, pode ser entendido como o resultado da inter-relação materiais e culturais que ocorrem num determinado local ou conjunto de lugares.

Na sociedade contemporânea, as redes geográficas atingiram maior alcance de abrangência mundial, facilitado pelo advento da globalização, que concorreu para a conectividade e deslocamento planetário acelerado de capitais, informações e

peças. Apropriando-se das ideias de Campos (2008), as redes não são virtuais e sim realidades concretas.

São elas a base da atual modernidade, são elas a condição de realização da economia e da sociedade globais (ou seja, a condição da globalização e a essência do atual meio geográfico), são o “veículo mediante o qual fluem as informações”, sendo estas últimas o motor fundamental dos dinamismos dos grupos hegemônicos. A qualidade e a quantidade de redes são hoje um elemento distinguidor de regiões e lugares, inclusive de suas posições, se relevantes ou se subordinadas (CAMPOS, 2008, p.159)

A respectiva cadeia interconectada mundialmente impulsiona os fluxos econômicos da sociedade, visto que permite sua rápida circulação. Relembra lembrar, que o deslocamento de mercadorias, nem sempre são livres, em muitas situações, há leis, atividades e regulamentos que interferem nos processos de importação e exportação, tornando-os lentos e onerosos. Algumas abordagens apontam os fluxos econômicos como a materialização da globalização no espaço geográfico. É a partir da atual configuração do meio geográfico que as redes promovem novas possibilidades de uso do território para a produção.

Na visão de Santos (2000):

No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros (SANTOS, 2000, p. 79).

A economia globalizada impunha mudanças no padrão tecnológico e produtivo, isso implica alterações também nas formas espaciais. Ou seja, o lugar tende a redefinir-se conforme o potencial integrativo tecnológico, comunicacional, informacional e técnico das redes que se alteram em escala planetária.

Na geografia entende-se que as redes necessitam de constantes diálogos interdisciplinares para explicar o processo de organização espacial no espaço geográfico e seus entornos, articulados e integrados por diversas redes sobrepostas. Santos (2000) infere rede geográfica como:

Toda infraestrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação (SANTOS, 2000, p. 262).

A ampliação das relações políticas, econômicas e sociais, promovida pelo sistema globalizado, provocou um aumento gigante nos fluxos de pessoas, de bens, de serviços e de informações, que solicita ampliação, cada vez mais elaborada, de redes capazes de atender satisfatoriamente as demandas do processo global.

### 3.2 UTILIZAÇÃO DAS REDES PELAS EMPRESAS DE SEGURO

O setor de seguros, em especial as sociedades seguradoras, às quais são vinculadas ao sistema bancário, também se utilizam de estratégias, regras e normativas globais para atuar no espaço geográfico. As seguradoras se articulam por meio de redes, dinamizando o território.

Com o intuito de otimizar essa articulação, a companhia seguradora Porto Seguro, investe em projeto de inteligência geográfica, o qual contou com o apoio da Imagem, companhia especializada em Sistemas de Informações Geográficas (GIS). A plataforma Esri foi criada para potencializar o gerenciamento de suas frotas e, dessa maneira, atender aos chamados no menor tempo possível (PORTO SEGURO, 2018).

A implementação da Inteligência Geográfica permitiu dispor de uma base de ruas atualizadas com amplos recursos de geoprocessamento. Como consequência a empresa teve um impacto grande junto ao cliente, reduzindo o tempo de localização de guinchos quando da necessidade de uma assistência em curto prazo (PORTO SEGURO, 2018).

O bom uso dessa Inteligência Geográfica faz com a empresa e seus clientes usufruam de benefícios. Visto que, os clientes ficam mais satisfeitos pela rápida resposta de seus chamados e a empresa reduz significativamente os custos operacionais dos atendimentos, corroborando com o que cita Santos (2000), ao atrelar a eficácia das ações à sua localização. Essa mesma tecnologia de Inteligência Geográfica da Esri é utilizada por oito das dez maiores empresas de seguro do Mundo (PORTO SEGURO, 2018).

Cabe ressaltar que a Inteligência Geográfica não é a única forma de utilizar as redes, haja vista que o papel das redes está relacionado ao da circulação, no uso e no controle do território, garantindo assim agilidade operacional, como afirma Boas (2017), as redes também são locais, dessa forma, elas favorecem “a ação do global

sobre o local e vice-versa.”. Assim, a “[...] atual divisão territorial do trabalho, privilegia alguns atores, conferindo-lhes poder.”, as redes “[...] possuem expressivo valor, pois superam os obstáculos físicos, integrando diferentes espaços. São importantes ao atual estágio do capitalismo, visto que a produção carece de circulação.”

## 4 A EMPRESA PORTO SEGURO SEGUROS SA – CRIAÇÃO, ATUAÇÃO E EXPANSÃO

### 4.1 A GENESE DA EMPRESA PORTO SEGURO SEGUROS SA

A empresa foi criada no dia 27 de agosto de 1945, quando um grupo de executivos, formado por José Alfredo de Almeida, José da Cunha Júnior e José Andrade de Souza, diretores do Banco Brasileiro de Descontos (Bradesco), tendo Amador Aguiar como Diretor Superintendente, fundou a *Porto Seguro Cia de Seguros Gerais*, habilitada para atuar em operações de seguro e resseguro nas modalidades Fogo, Transportes, Acidentes Pessoais e Motim, entre outros ramos, na Cidade de São Paulo (PORTO SEGURO, 2018).

Após dois anos de fundação, a empresa abriu sua primeira sucursal na cidade do Rio de Janeiro e passou a operar nos mesmos ramos da matriz. Com o intuito de aumentar o limite técnico ao qual estavam vinculadas as companhias de seguro, o grupo adquiriu a Rochedo Cia de Seguros. Assim, formaram o Grupo Segurador Porto Seguro (PORTO SEGURO, 2018).

A empresa passa por uma nova fase administrativa quando Abrahão Garfinkel, ex-diretor do grupo Boa Vista de Seguros, adquire o controle da empresa, que naquela época ocupava a 44ª posição no ranking do mercado. Após 1978, o grupo dedica-se a desenvolver o conceito de Proteção Total, que oferece produtos e serviços que ajudam a evitar o sinistro e amparam o segurado antes, durante e depois de qualquer ocorrência, sendo pioneira na implantação (PORTO SEGURO, 2018).

Seguindo a tendência de internacionalização que, como afirma Santos (2000), é tornar o consumo, o dinheiro e a informação mundiais; o grupo inicia em 1995 as atividades da subsidiária Porto Seguro Del Uruguay. Com sede em Montevideú, iniciando também a operação na carteira de automóveis (PORTO SEGURO, 2018).

Em 2003, a empresa assumiu o controle acionário e a operação da subsidiária da seguradora multinacional francesa AXA, renomeada como Azul Seguros, com filiais no Sul e Sudeste do país. Já em 30 de novembro de 2009, a Porto Seguro S.A. e o Itaú Unibanco Holding S.A. unificaram suas operações de seguros residenciais e de automóveis, consolidando a PORTO SEGURO no Brasil

como a maior seguradora do ramo de automóveis e, tornando-se também a maior seguradora do ramo de residências do país (PORTO SEGURO, 2018).

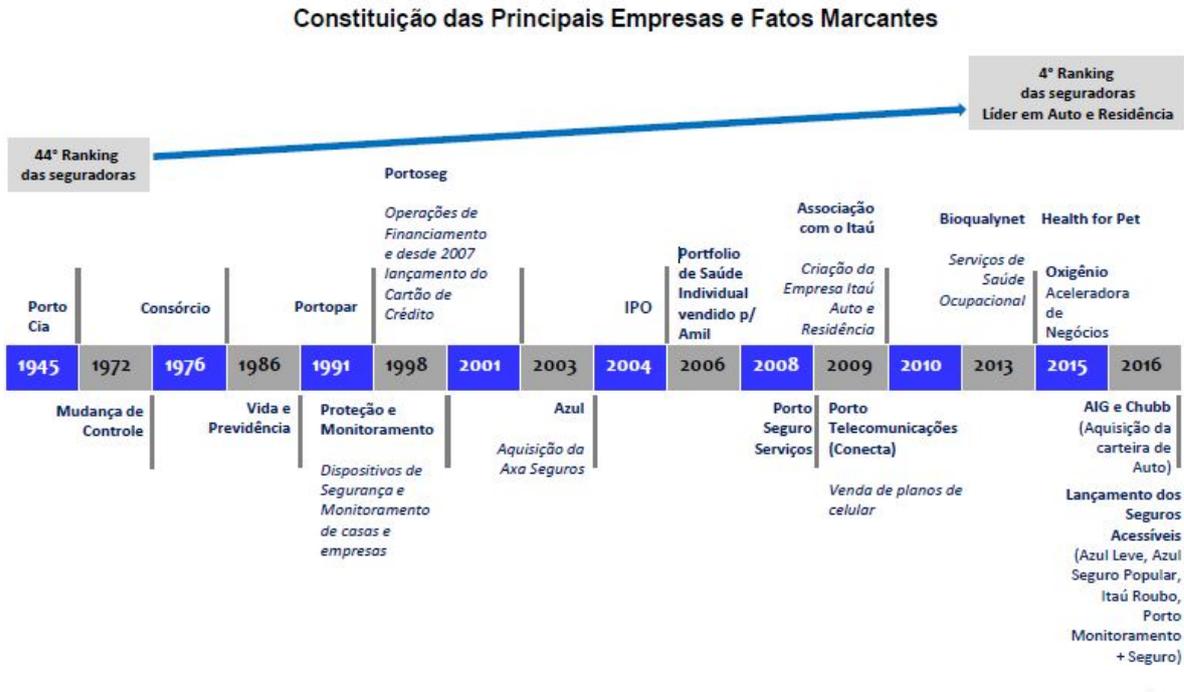


Figura 2: Quadro histórico - Fonte Porto Seguro, 2018.

Hoje, a Porto Seguro emprega diretamente 14 mil funcionários, além de 15 mil prestadores, por meio de suas 25 empresas. Possui 128 sucursais e escritórios regionais para atender mais de 29 mil Corretores de Seguros e mais de 8 milhões de clientes em todo o país, somando 5,1 milhões de veículos segurados. A empresa também tem o controle de uma seguradora com o mesmo nome no Uruguai (PORTO SEGURO, 2018).

#### 4.2 COMO A PORTO SEGURO SEGUROS ATUA

A Porto Seguro atua em todos os ramos de seguro: automóvel, saúde, patrimoniais, de vida (incluindo previdência e produtos similares de previdência) e seguros de transportes, por meio de suas subsidiárias diretas e indiretas (Porto Seguro, Porto Seguro Saúde, Porto Seguro Vida, Porto Seguro Uruguai e Azul Seguros). Os produtos da Companhia atingem pessoas físicas, famílias, empresas, entidades governamentais e não governamentais em todo o Brasil, com forte

presença no Estado de São Paulo, e também no Uruguai (PORTO SEGURO, 2018).

A Porto Seguro S.A. (“Controladora”) é uma sociedade de capital aberto, com ações negociadas no Novo Mercado da BM&FBOVESPA, sob a sigla PSSA3. Seu objeto é a participação como acionista ou sócia em outras sociedades empresárias, nacionais ou estrangeiras (denominadas em conjunto com a Porto S.A. “Porto Seguro” ou “Companhia”), que podem explorar atividades: de seguros em todos os ramos; de instituições financeiras, equiparadas e administração de consórcios; e atividades conexas, correlatas ou complementares às demais descritas anteriormente (PORTO SEGURO, 2018).

Nos quadros a seguir, podem ser analisadas as empresas controladas e que são consolidadas pelo grupo bem como seus ramos de operação (PORTO SEGURO, 2018):

<b>Nome</b>	<b>Função</b>
Porto Cia	Opera com seguro de danos e de pessoas.
Porto Vida	Opera com seguro de pessoas, planos de previdência complementar nas modalidades de pecúlio e renda.
Porto Seguro Uruguai	Opera com seguro de danos e pessoas no Uruguai.
Porto Saúde	Opera com seguro saúde.
Azul Seguros	Opera com seguro de danos e de pessoas.
Itaú Auto e Residência	Opera com seguros de danos.
Porto Capitalização	Administra e comercializa títulos de capitalização.
Porto Consórcio	Administra grupos de consórcios para aquisição de bens móveis e imóveis.
Portoseg	Concede empréstimos e financiamentos ao consumo e para capital de giro, além de operar cartões de crédito.
Portopar	Atua na distribuição de cotas de fundos de investimentos.
Proteção e Monitoramento	Presta serviços relacionados à proteção e ao monitoramento eletrônico.
Renova	Comercializa e distribui peças automotivas.
Crediporto	Presta serviços para obtenção de créditos e financiamento ao consumo.

Franco	Presta serviços técnicos de corretagem de seguros.
Serviços Médicos	Presta serviços de programas de controle médico de saúde ocupacional e de prevenção de riscos à saúde, serviços ambulatoriais e de assessoria administrativa para médicos e operadoras de saúde.
Portomed	Opera planos privados de assistência à saúde.
Porto Odonto	Operará planos privados de assistência odontológica.
Porto Serviços e Comércio	Presta serviços relacionados, complementares ou correlatos à atividade de seguros.
Porto Atendimento	Presta serviços de “telemarketing” e atendimento em geral.
Porto Conecta	Presta serviços de telecomunicações.
Porto Serviços Uruguai	Presta serviços relacionados, complementares ou correlatos à atividade de seguros no Uruguai.
Bioqualynet	Presta serviços de consultoria e assessoria em saúde ocupacional, segurança do trabalho, ergonomia e serviços ambulatoriais.
Porto Investimentos	Administra e faz a gestão de carteiras de títulos e valores mobiliários, fundos de investimento e outros recursos de terceiros.
Porto Locadora	Tem por atividades o aluguel e a terceirização de veículos ou frotas de veículos.
Health For Pet ou H4P	Administra e oferece planos de saúde para animais domésticos, além de serviços e acessórios veterinários em geral.
Porto Capital	Tem como objeto a administração de fundos de investimentos de qualquer espécie e o exercício profissional da administração de carteira de valores mobiliários e outros recursos, além da prestação dos serviços de consultoria e assessoria.
Renova Peças Novas	Comercializa e distribui peças automotivas novas.

Fonte: Adaptado de Porto Seguro (2018)

A corporação é composta por empresas de seguros, serviços financeiros e serviços gerais, porém, o controle permanece com a família Garfinkel, com participação relevante do Itaú Unibanco. Abaixo segue a estrutura da corporação Porto Seguro:

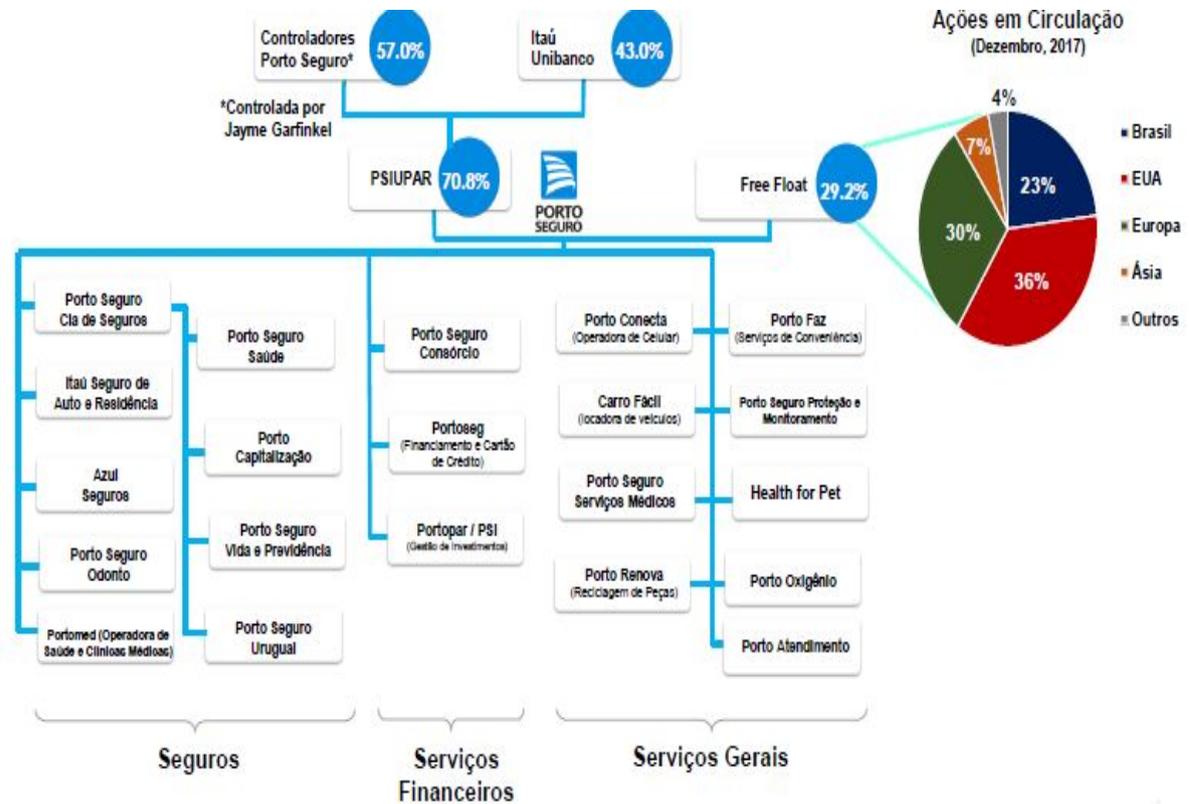


Figura 3: Estrutura Organizacional. Fonte: Porto Seguro, 2018.

A corporação Porto Seguro atua no mercado usando dos meios técnico-científico-informacionais, segundo Santos, (1996) disponibilizando aos corretores de seguros para explorar todos os seus produtos e serviços.

Estas ferramentas tecnológicas como: sites, sistemas de cálculos, equipamentos e softwares, são na verdade sistemas que auxiliam na padronização da produção em larga escala a fim de aumentar, facilitar e agilizar o consumo destes produtos e serviços, onde as regras e normativas são as mesmas em todo o espaço explorado (SANTOS, 1996).

A Porto Seguro, por ser uma multinacional brasileira com capital aberto, também utiliza das unicidades das técnicas, a convergência dos momentos gerando o motor único para impulsionar seu processo produtivo, o que contribui para o aumento da mais valia. Desta forma gerando lucro para seus acionistas.

#### 4.3 A EXPANSÃO DA EMPRESA PORTO SEGURO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

De acordo com Porto Seguro (2018) o mercado segurador, assim como as outras indústrias, tem sofrido com a crise econômica, mesmo sendo um mercado mais resiliente se comparado à maioria dos setores, principalmente devido à enorme oportunidade de expansão em consequência da baixa penetração do segmento no Brasil. No principal mercado de atuação da companhia, o seguro de automóvel, a Porto Seguro desde 2016 tem vivenciado uma guerra de preços que dificulta o crescimento, pois o foco é a recuperação de margens.

Há muitas oportunidades para expansão no setor, principalmente em regiões nas quais a companhia não tem um *marketshare* muito significativo. Também há bastante espaço para os produtos financeiros como seguro fiança, capitalização e consórcio. Existem possibilidades em *crossselling*, tendo em vista que a Porto Seguro investe constantemente na sinergia entre seus produtos (PORTO SEGURO, 2018).

No quadro abaixo é perceptível a atuação da corporação Porto Seguro em todo o território brasileiro e com um crescente aumento na participação do Seguro de Automóveis em todas as regiões:



Figura 4 - Regiões de Participação. Fonte: Porto Seguro, 2018.

De acordo com, Roberto Santos, presidente da empresa Porto Seguro, nos últimos cinco anos, a empresa investiu bastante em projetos de expansão regional, na melhoria de processos com alto grau de investimento em tecnologia e desenvolvimento de novos negócios. Foram várias iniciativas que contribuíram para o crescimento da companhia com melhora de produtividade e de qualidade, necessárias para garantir perenidade. Entre elas, o destaque é a criação do “Data Center”, implantação da ferramenta SAP, expansão relevante para regiões fora do Sudeste, que é hoje o maior mercado, e o lançamento de produtos não seguros como: Porto Seguro Conecta, Renova Ecopeças, Porto Seguro Carro Fácil, Porto Seguro Faz e Health for Pet, além da criação da Oxigênio, uma aceleradora de *startups*.

Com uma rede composta por aproximadamente 25 mil corretores de seguros, que vendem produtos de seguros e serviços, como consórcio, cartão de crédito, alarmes monitorados, planos de celular e de saúde para pets, entre outros, o presidente afirma que há um enorme investimento em tecnologia para o aperfeiçoamento dos processos, como uma enorme rede de atendimento, utilizando tecnologia de ponta como, por exemplo, o *chatbot*, ferramenta que funciona com inteligência artificial (PORTO SEGURO, 2018).

Campos (2008, p.162) apresenta o setor financeiro como regulador da economia, para ele “[...] se antes o material determinava como o objeto seria fabricado, hoje a forma do objeto e a função [...] é que vão determinar o material; e o envelhecimento rápido do patrimônio técnico não é realizado por uma razão técnica, mas sim por uma doutrina (e prática) política: a competitividade”. Exemplo disso, é a criação de novos produtos de automóvel com o intuito de atrair clientes que nunca compraram seguros, oferecendo desde coberturas parciais até uso de peças usadas que reduzem o preço (PORTO SEGURO, 2018).

Hoje, além da área de seguros, a empresa atua em serviços automotivos, consórcios de imóveis e automóveis, administração de investimentos, cartão de crédito, financiamento, capitalização, proteção e monitoramento, serviços a condomínios e residências, telecomunicações, entre outros (PORTO SEGURO, 2018).

Segundo Santos (2000, p. 15), atualmente o novo avanço técnico reside na tecnologia de informação, como a internet, sistemas de monitoramento por satélite e

tudo em tempo real.

Essa nova técnica faz com que a sociedade tenha um dinamismo global com uma possibilidade de troca de informações entre as técnicas já existentes. (SANTOS, 2000, p. 15)

Isto é, com a tecnologia do celular o cliente pode ligar para a seguradora e solicitar um guincho, que por sistema de GPS a seguradora sabe exatamente em tempo real onde o cliente está

A unicidade do tempo ou também denominada convergência dos momentos, tem a ver com a informação imediata, ou seja, do intercâmbio imediato de conhecimento. A ideia de tempo real pode ser apresentada como a capacidade de usar o mesmo momento em diferentes lugares.

Com o processo de globalização que utiliza dos meios da unicidade da técnica e da convergência dos momentos, é formado um motor único ou mais valia (lucro). Segundo Santos (2000, p.16), “[...] se tornou possível porque nos encontramos em um novo patamar de internacionalização, uma verdadeira mundialização do produto, do consumo, do dinheiro, do crédito e da informação [...]”.

É através desse motor único que se traduzem outras constatações, como a de uma mais valia global, obtida através de um sistema de capital calcado em empresas mundiais (multinacionais e transnacionais) nas quais a concorrência se dá de forma cada vez mais acirrada, abrangendo o mundo como um todo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo primário a verificação de conceitos associados à globalização, normas e territórios, partindo para a verificação das redes geográficas e as empresas de seguros; concatenando a importância do mercado de seguros e sua relação com a geografia, a importância das redes geográficas e a ideia de unicidade técnica desse setor. Após essa introdução temática, foi possível perceber a evolução histórica da indústria no Brasil e suas transições econômicas.

Ademais, contextualizou-se o mercado de seguros em âmbito nacional à formação do conglomerado financeiro da empresa Porto Seguros, analisando fundamentos importantes para entender o sistema territorial da empresa, como os processos de divisão territorial do trabalho, os conceitos de redes e os círculos de cooperação no espaço.

Assim como, foram apresentadas a dinâmica e a estrutura do setor de seguros junto aos seus participantes e os tipos de grupos que o compõem, ampliando as determinadas figuras que contribuem para a sustentação desse sistema no Brasil e, por fim, as relações de informação e as compreensões que levam a entender a evolução da Multinacional Porto Seguro Seguros.

Diante do detalhamento, foi visível observar o crescimento do setor. As empresas de seguros são, portanto, intermediárias financeiras, as quais influenciam na alocação de recursos para a economia e o desempenho dos demais mercados, realizando uma universalização de concorrência no mercado, como reforçado por Santos (2000) no referencial, quando afirma que houve uma mundialização do dinheiro, do crédito e da informação.

Consoante, como se trata do sistema de capital, é nítido perceber que as empresas de seguros se utilizam do desenvolvimento das técnicas ao longo da história, o que permite hoje o uso da informática, da eletrônica, da cibernética e até da inteligência artificial. Assim, todos esses fatores contribuem para a geração da lucratividade da operação.

Vale ressaltar que a globalização foi a impulsionadora de todas as grandes articulações financeiras que ocorreram na economia e no sistema de crédito, e, ao analisar a formação e a atuação territorial do conglomerado da empresa Porto Seguro, é primordial “chamar mais atenção para o assunto [...] das articulações

entre as Companhias de Seguro, o financiamento do Estado e o sistema de crédito” (SAES; GAMBI, 2009, p. 34), haja vista a relevância dessa tríade no desenvolvimento econômico.

Cabe ressaltar também o meio técnico-científico-informacional, legado teórico de Santos (1996), que representa nosso atual sistema capitalista de produção e de transformação do espaço geográfico, haja vista que essa noção corresponde à evolução dos processos de produção e reprodução do meio geográfico; evolução essa apresentada nesse trabalho com vínculos à atividade de empresas de seguro no Brasil e no mundo.

Segundo Santos (2000, p 14), a unicidade da técnica e do tempo convergem para a propulsão do motor único do processo da globalização que é fazer crescer a produtividade para a geração do capital. Além da unicidade, as empresas de seguros também se utilizam da ideia de risco para suprir uma crescente demanda da sociedade por falta de segurança que origina alto índice de roubos e assaltos, risco de alagamentos; com o aumento do fluxo de veículos, aumenta-se o índice de colisão; com o aumento da produção industrial, aumenta-se o índice de acidentes de trabalho e assim por diante.

A partir da afirmação de que a globalização e as evoluções de mercado só se concretizam graças aos avanços propiciados pelo meio técnico-científico-informacional; a temática debatida nesse estudo não se esgota em suas análises, abrindo campo para novas possibilidades de estudo, como trabalhos de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado, nas mais diversas áreas, ciências contábeis, administração, direito, geografia, ampliando a escala e os objetos de estudo, podendo também sair da seara unicamente bibliográfica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.
- BECK, U., LEVY, D. **Nações cosmopolitas**: re-imaginando a coletividade na sociedade de risco mundial. *Teoria, Cultura & Sociedade*, 30 (2), pp. 3-31, 2013
- BOAS, Lucas Guedes Vilas. **Observatorium**: Revista Eletrônica de Geografia, v.8, n.21, p. 150-155, set/2017. Disponível em: <<http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/8edicao/n21/8.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- CAMPOS. Rui Ribeiro de. A natureza do espaço para Milton Santos. **Geografares**. n.6, 2008, p.115-165.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- CNSEG. Confederação Nacional das Seguradoras. 2018. Disponível em: <<http://cnseg.org.br/cnseg/estatisticas/mercado/>>. Acesso em: 05 abr. 2019.
- CONTADOR, C.R.; FERRAZ, C. B. **Macroeconomia e Seguros**: a montagem de cenários estratégicos. Rio de Janeiro: Silcon Estudos Econômicos, 1998.
- CONTADOR, C.R.; FERRAZ, C. B. SILVA JR, L. C. A. da. **Ciclos econômicos e o Mercado de seguros no Brasil**. Cadernos de seguro, 2000.
- CURRAN, D. **Sociedade de risco e distribuição de danos**: teorização da classe na sociedade de risco. *The British Journal of Sociology*, 64 (1), pp. 44-62, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HELD, D.; MCGREW, A. **Prós e contras da globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- KEOHANE, R.O .; NYE, J.S. Poder e interdependência. Boston: Scott, Foresman and Company, 1989
- LIEDTKE, P.M. "O que é seguro para uma economia moderna?", *The Geneva Paperson Risk and Insurance - Issues and Practice*, 2007, 32 (2), 211-221.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENDONÇA, Antônio Penteado. **Resseguro, a globalização dos riscos**. São Paulo, 2017. Disponível em: <[https://economia.estadao.com.br/blogs/antonio-penteado-mendonca/resseguro-a-globalizacao-dos-riscos./](https://economia.estadao.com.br/blogs/antonio-penteado-mendonca/resseguro-a-globalizacao-dos-riscos/)>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.17-38.

NETTO, In: RÜDIGER, D. S. (Coord.). **Tendências do direito do trabalho para o século XXI: globalização, descentralização produtiva e novo contratualismo**. São Paulo: LTr, 1999.

PORTO SEGURO. **Conheça a Porto Seguros**. 2018. Disponível em: <<http://www.portoseguro.com.br/a-porto-seguro/conheca-a-porto-seguro/trabalhos-academicos>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

RIBEIRO, N. In: RÜDIGER, Dorothee Susanne (Coord.). **Tendências do direito do trabalho para o século XXI: globalização, descentralização produtiva e novo contratualismo**. São Paulo: LTr, 1999.

SAES, Alexandre M.; GAMBI, Thiago F. R.. A formação das companhias de seguros na economia brasileira (1808-1864). **História Econômica & História de Empresas**, vol. XII, n.2. Rio de Janeiro: ABPHE/UFF, 2009

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. (org.). **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SUSEP. 2015. Disponível em: <<http://www.susep.gov.br/menu/a-susep/apresentacao>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VENOSA, Sílvio de Salvo. **Direito Civil**. Parte Geral. São Paulo: Editora Atlas, 2013.